

# MEMORIAL DE ROSAS: O ÚLTIMO CAPÍTULO DA TRÁGICA HISTÓRIA DO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA

*Data de aceite: 01/03/2024*

**Jairo Furtado Toledo**

Psiquiatra

**Edson Brandão**

Sociólogo

**RESUMO:** A primeira e maior instituição psiquiátrica de Minas Gerais, celebrizada na história brasileira como Hospital Colônia de Barbacena foi ativado no ano de 1903, na cidade mineira marcada por intensas disputas políticas. Ao longo de 100 anos de atividade e de contínua expansão física, o complexo hospitalar acumulou populações de internos cada vez maiores. Com recursos sempre aquém da demanda e vulnerável às injunções políticas, aos preconceitos e limitações da própria psiquiatria como especialidade médica nascente, o resultado foi a gradativa transformação dos pavilhões e pátios do hospício em um lugar de isolamento, abandono e morte. Até mesmo após o óbito, os pacientes psiquiátricos eram segregados pois os corpos eram sepultados em um cemitério exclusivamente feito para os internos. Isso quando seus corpos não eram “vendidos”, como peças anatômicas para Faculdades de Medicina públicas e particulares. A

partir do período de redemocratização no Brasil, um movimento de psiquiatras e profissionais da saúde mental ganhou espaço maior na opinião pública com uma onda de denúncias e debates sobre a chamada “Reforma Psiquiátrica”. Logo, novas políticas públicas e legislação pertinente atingiram instituições como o Hospital Colônia, que também atingia o ápice da exaustão do modelo manicomial fechado. Dentre as diversas transformações internas ocorridas no hospício que deu a Barbacena o incômodo título de “Cidade dos Doidos”, uma das ações mais corajosas foi a criação do Museu da Loucura, em 1996. Reunindo o acervo esparso na instituição e utilizado como forma de sensibilização da comunidade interna e sociedade que, finalmente poderia transpor os muros do hospício, o Museu da Loucura serviu como um catalisador não só da memória da psiquiatria brasileira, mas tornou-se um tardio gesto respeito às vítimas do passado. Assim, como o Museu da Loucura, o projeto de se transformar o “Cemitério dos Loucos” em um “Memorial de Rosas” seria o derradeiro gesto de resgate de uma história trágica mas que precisa ser contada.

**PALAVRAS-CHAVE:** memorial, cemitério, museu, Psiquiatria, Hospital Colônia de Barbacena.

**ABSTRACT:** In 1900 was created by the provincial law no. 290, august 16, the Assistance of the Alienated of Minas Gerais, a department connected to the Secretary of the Interior. Three years later was inaugurated the Central Azylum in Barbacena in a building of a former Sanatorium. In 1922, a new building complex was inaugurated and destined specially for poor male patients. This hospital was named Colony Hospital of Barbacena. Researchs estimates that at least 60,000 patients died in the hospital throughtout 100 years. New pavillions weren't enough to receive the growing number of patients. So, Barbacena became knowned as "the city of crazy people".. consequently the Colony is shown by the brazilian press like a violent institution, with precarious installation and very high index of mortality. In 1979, the italian psychiatrist, Franco Basaglia, an antimanicomial moviment worldwide leader visits Barbacena and compares Colony Hospital to a nazi war camp. Since then, new policies about mental health and psychosocial care in Brazil have been proposed, bringing to Colony Hospital of Barbacena significant structural changes and new health management models. One of them was Madness Museum, created in 1996. Finally, in 2007, a project developed by the municipality of Barbacena proposed transforming the old hospital cemetery into a memorial intended to remember the victims of the Barbacena hospice. The Memorial of the Roses, wishes to be the final chapter of a tragic story, but one that needs to be remembered.

**KEYWORDS:** memorial, cemetery, museum, Psychiatry, Colony Hospital of Barbacena .

## INTRODUÇÃO

O Hospital Colônia de Barbacena foi um hospital psiquiátrico fundado em 12 de outubro de 1903, na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Fazia parte da Assistência aos Alienados de Minas Gerais, primeira instituição pública voltada para o "Alienismo"<sup>1</sup> no Estado, com a autoridade máxima do médico no exercício da sua especialidade. Essa autoridade, no caso de Barbacena, era exercida pelo Dr. Joaquim Antônio Dutra (1853-1943), que comandou o hospital por 33 anos. Inicialmente instalou-se nas antigas dependências do Sanatório de Barbacena - antiga construção para internação de tuberculosos - que havia sido fundado em 1870. <sup>2</sup>(FILHO, 1982 p.33). Acrescente-se que nas proximidades deste local já havia uma pequena e conveniente estação ferroviária que em muito contribuiria para logística das internações em massa do Colônia, uma peculiaridade factual que sempre aguçou a tendência de alguns pesquisadores para comparações com as ações de segregação da Alemanha nazista durante a "Solução Final da Questão Judaica".<sup>3</sup> Em 1922, foi inaugurada propriamente a Colônia, um vasto conjunto de edifícios cercado por

---

1 No início do século XIX, a medicina voltada para o alienado exercida pelo especialista com amplo poder por seu saber racional, posição de árbitro sobre a natureza dos problemas sociais, com amparo de leis. (CASTEL, 1978). "É o decisor que arbitra entre valores essenciais, como o da segurança e da liberdade que implicam no destino de uma pessoa" (CASTEL, 1978, p. 145).

2 O Sanatório a que vinha a ser fechado por má situação financeira, possuía boas acomodações e era quase luxuoso..., sua localização no alto o Morro da Caveira também conhecido por Caveira de Cima, faz crer que estava situada em terras da antiga Caveira, que pertencera ao português Joaquim Silvério dos Reis, da causa da Inconfidência. ( FILHO, 1982 p.33, apud TOLENDAL, 1974).

3 No dia 1º de dezembro de 1892 foi entregue ao público a Estação Sanatório, três anos depois de inaugurada a casa de repouso que deu origem ao Hospital Colônia. Provavelmente os proprietários eram de grande prestígio e seu sanatório que atendia a sãos e insanos foi agraciado com a plataforma. (CARVALHO, 2009, p.59)

áreas agricultáveis, que ampliava muito a capacidade de receber internos, em especial os não pagantes e indigentes. No auge de sua estrutura asilar, o complexo que começou a operar com 70 pacientes indigentes, chegou a abrigar 6.150 internos (CARVALHO, 2009) e sua estrutura física acumulou dezesseis pavilhões independentes, sempre lotados. Com a superpopulação e condições exauridas de assistência e acomodações, os números acumulados eram expressivos. No livro, “Nos Porões da Loucura”, coletânea de reportagens feitas para o Jornal Estado de Minas, entre 1978 e 1979, ainda no calor da onda de denúncias sobre a situação insustentável do hospício, o jornalista Hiram Firmino apurou:

Numa rápida verificação dos livros de registro de internações, os pensionistas homens e mulheres, internados de 1903 (data da fundação) a 1969, somam 6.139 pacientes. Entre os indigentes, de 1907 a 1967, somam-se 24.034 mulheres internadas. E de 1903 até 1966, aproximadamente 27.775 homens foram internados como indigentes, isto é, ficaram amontoados ali até a morte. (FIRMINO, 1982, p. 83).

O psiquiatra italiano Franco Basaglia (1931-1980), considerado uma liderança mundial da chamada “Luta Antimanicomial”, taxou a instituição como um campo de “concentração nazista”, durante sua participação no III Congresso Mineiro de Psiquiatria, realizado em Belo Horizonte, entre 15 e 21 de novembro de 1979. Sob esta perspectiva de falência terapêutica e institucional, em 1978 é criada a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), que assume a gestão da instituição e outras congêneres. O complexo passa a ser denominado Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB).<sup>4</sup> Em 1986, começa o processo de democratização da instituição. O Dr. Jairo Furtado Toledo assume a direção do CHPB, eleito pela comunidade terapêutica e servidores. Daí em diante, uma série de iniciativas promove as mudanças: formação de profissionais em vários níveis; proibição da transferência massiva de pacientes de outras regiões; criação de unidade para pacientes agudos; fim de celas; proibição de internações de crianças; redução do uso de eletrochoque; início da atenção ambulatorial, presença de médicos plantonistas (clínicos e psiquiátricos); critérios de internação; fim das internações sociais; construção dos módulos residenciais e centro social; transformação de parte dos antigos edifícios em um Hospital Regional para atendimento clínico para usuários do Sistema Único de Saúde (SUS); criação do Museu da Loucura e outras iniciativas sócio culturais que rompem o isolamento com a sociedade e prepara-a para receber os pacientes crônicos em residências terapêuticas abertas e emancipatórias, o modelo direcionado para egressos dos hospitais fechados, enquanto os Centros de Atenção Psicossociais – CAPS - assumem a face ambulatorial da assistência preconizada e adotada pelo Ministério da Saúde.

---

4 O nome inicial Assistência aos Alienados perdurou até 1927 quando foi mudada para Hospital Central dos Alienados e em 1934 o decreto número 11.276 modificou para Hospital Colônia de Barbacena, este passou a ser denominado Centro Hospitalar psiquiátrico de Barbacena pela lei 4.953 de 25/06/68. (CARVALHO, 2009, p.45).

## O MUSEU DA LOUCURA E A “CIDADE DOS DOIDOS”

A partir de 1985, quando um conjunto de ações começou ser implementado para a humanização da instituição, dois grandes desafios precisavam ser vencidos: 1) Como ressocializar os 900 pacientes crônicos remanescentes? A priori, eles não teriam meios para voltar a seus vínculos antigos, pois a maioria sequer tinha família e se a tivesse, esta não apresentaria as mínimas condições socioeconômicas para recebê-los. 2) Qual o futuro teria uma instituição asilar dimensionada para manter seus pacientes internados até a morte? Ressalte-se que o aparelhamento que tornava pacientes agudos em crônicos era tamanho que além de celas com grades, o hospital dispunha de um cemitério próprio e passou a manter por anos um comércio regular estabelecido de cadáveres fornecidos para escolas de Medicina. Outras questões se colocaram: o fim do modelo vigente traria o próprio fechamento da instituição? Ou suscitaria a mudança de atribuições do hospital e o reaproveitamento da gigantesca área física e de sua equipe de servidores, na maioria efetivos e voltados para assistência em saúde mental? Mas para que tudo isso ocorresse, transformações físicas das instalações e estruturais nos serviços foram feitas: treinamento e qualificação de servidores, incorporação de novas especialidades, como assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, técnicos de enfermagem, enfermeiros, farmacêuticos, um novo Serviço de Nutrição e Dietética, além de plantões médicos de psiquiatria e clínica geral. A maternagem melhorou a qualidade de vida dos pacientes na mesma proporção em que favoreceu as condições de trabalho dos servidores. Por ser projetado para autossuficiência, o hospital recuperou oficinas de marcenaria, serralheria, rouparia e outras. Cursos de pós-graduação em Psiquiatria Forense, Saúde Mental e Psiquiatria Social foram implementados com apoio do Instituto Franco Basaglia, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Escola de Saúde Minas Gerais e FHEMIG. Antecipando um programa que só seria ativado a partir de 1999, pela Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, que considerava o Plano de Desenvolvimento Regional, criando instituições de alcance regional, em 1992, as direções do CHPB e FHEMIG começam a adaptar dois pavilhões do velho hospício para receberem o futuro Hospital Regional, voltado para a clínica geral. Concomitantemente, o CHPB também passou a abrir suas portas à comunidade, com iniciativas que demolissem os muros físicos e conceituais que segregavam a instituição do mundo exterior. “Manter e recuperar a integridade física e mental, a identidade e a dignidade, a vida familiar, comunitária e profissional.” A frase em destaque é parte do Artigo 1º, da Lei Estadual nº 11.802, de 18 de janeiro de 1995, que dispõe sobre a reintegração social do portador de sofrimento mental, sendo que tal legislação determina a implantação de serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos e a extinção progressiva destes. Quando esta lei foi publicada, uma onda de mudanças já estava em curso no CHPB. Até atingir este grau de controle social nas internações e obrigar o Estado a preservar as garantias individuais dos pacientes psiquiátricos, a sociedade brasileira precisou assistir

durante décadas aos dramas degradantes apresentados por suas instituições psiquiátricas públicas e privadas. Utilizado como exemplo do que poderia haver de pior em termos de assistência pública, o CHPB foi alvo de ampla discussão em muitos momentos, mas em especial durante o histórico III Congresso Mineiro de Psiquiatria, realizado em Belo Horizonte, em 1979, com a participação de Basaglia e do sociólogo francês Robert Castel (1933-2013). O evento, organizado pelos residentes do Instituto Raul Soares, teve repercussão nacional e provocou uma reação em cadeia, envolvendo entidades influentes como a Associação Mineira e Brasileira de Psiquiatria e ressoaria como antecedente histórico para o Encontro dos Trabalhadores da Saúde Mental, em Bauru/SP, e a I Conferência Nacional de Saúde Mental, em Brasília, ambos realizados no ano de 1987. Ficava explícito assim, que as internações sociais e compulsórias, sustentadas por instituições públicas arcaicas e operadas como um bom negócio pelo setor privado indicavam que as mudanças deveriam vir de “dentro para fora” e intermediadas pelos profissionais de saúde mental em todos os níveis e a sociedade. As transformações ocorridas no CHPB, a partir de 1980, repercutem até hoje de forma intensa na comunidade onde a instituição está inserida e vão além, por constituírem um exemplo nacional de superação de desafios gerenciais, clínicos, sociais e políticos da psiquiatria. Dos estigmas do temido Hospital Colônia e sua assombrosa cifra de 60 mil óbitos estimados (FIRMINO, 1982, p. 81) ao longo de 100 anos até a realidade atual, onde 119 internos (egressos de instituições privadas recém-extintas) se preparam para um retorno gradativo à vida social, foram 20 anos de esforços concentrados em várias frentes. Se em 1966, não havia sequer um médico plantonista no hospital que abrigava 4.817 internos, de 1992 até a presente data, 89 médicos realizaram sua residência em psiquiatria no CHPB, sendo que no ano de 2019, 12 médicos concluíram a residência na instituição, um marco importante na evolução do hospital. O resultado da experiência dos módulos residenciais, implantados a partir de 1986, frutificaram na possibilidade de se criar a primeira residência terapêutica na cidade de Barbacena, em 1999. Já em 2005, eram 20 residências e na presente data, 29 casas lares abrigam 198 moradores (muitos deles retirados de outras instituições que vêm sendo desativadas). Com a progressiva desocupação dos pavilhões do chamado Departamento B, do CHPB, foi possível iniciar já na década de 1990 as alterações físicas para que o antigo hospício se convertesse no Hospital Regional. Inaugurado em setembro de 2005, o HR-Barbacena é referência em cirurgias ortopédicas, de traumas. Conta com leitos de internações em clínica médica, clínica cirúrgica, cirurgia e CTI adulto, também abriga Residências em suas especialidades. Tudo isso possibilitou a aproximação da clínica médica com a psiquiatria. Responsável por associar a cidade de Barbacena a um estigma muito traumático para a comunidade local marcada como “Cidade dos Doidos”, a instituição também se preocupou em cuidar da sua memória. Foi assim que surgiu o Museu da Loucura, inaugurado em 16 de agosto de 1996, nas comemorações oficiais dos 205 de Barbacena. Em 23 anos já recebeu mais de 100 mil visitantes. Também foi criado um bloco carnavalesco para pacientes e servidores

e os Festivais da Loucura<sup>5</sup>, experiências integrativas da comunidade com os pacientes e profissionais de saúde mental, tornando a loucura um dado de memória, referencial histórico e até atrativo turístico, buscando cicatrizar estigmas e promover a inclusão dos portadores de doenças mentais como sujeitos dignos de atenção, apoio e participação plena na vida social.

## EXORCIZANDO UMA TRAGÉDIA

Em fevereiro de 1987, os poucos vestígios documentais e materiais que pudessem ilustrar um pouco da trágica história da Colônia de Barbacena foram apresentados em uma histórica exposição no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, promovida pela FHEMIG. Este foi o embrião do acervo do Museu da Loucura de Barbacena. Durante o III Congresso Mineiro de Psiquiatria, realizado em 1979, surgiu a ideia de se reunir um acervo sobre a história do Hospital Colônia. A partir de então, informações e objetos que atestam as condições de cada época e mesmo as atrocidades acontecidas em Barbacena são reunidas por jovens médicos residentes e funcionários remanescentes do velho Colônia. Em 1996, um convênio entre a Fundação Municipal de Barbacena e a FHEMIG, viabilizou a construção do Museu da Loucura. A última grade retirada da última cela do antigo hospício tornou-se um “ícone” sendo ressignificada desde sua função original, agora como um emblema sinalizador de novos tempos em contraposição aos fatos pretéritos. Assim, pela primeira vez na história da psiquiatria mineira, aparelhos eletroconvulsões foram apresentados ao público não só como um recurso terapêutico em uso na época em que foram utilizados, mas como peças de museu, comparáveis na interpretação contemporânea, a apetrechos de tortura e outras práticas cruéis naturalizadas na visão geral da sociedade. O mesmo ocorreu com utensílios de cozinha, material cirúrgico usado em lobotomias e até bonecas algemadas, fabricadas pelas internas nos tempos mais sombrios do hospício. São pouco mais de 100 peças e documentos sobreviventes da verdadeira amnésia que se tentou implantar contra a memória do Hospital Colônia de Barbacena. A exposição permanente, que foi redesenhada em 2016, além de incorporar uma programação visual mais envolvente, explora imagens e sons obtidos em diversas épocas, mas com destaque no material resgatado pelo cineasta mineiro Helvécio Ratton no documentário independente “Em nome da Razão”, rodado em 1979. Destaque também para a reportagem realizada pelo fotógrafo Luiz Alfredo Ferreira, no início de 1961, quando, ao lado do jornalista José Franco, a revista O Cruzeiro publicou uma chocante narrativa do que ocorria na cidade do então governador de Minas Gerais e

5 O Bloco “Tirando a Máscara, Rasgando a Fantasia”, desfilou pela primeira vez em 1998 e desde então abre o oficialmente o Carnaval em Barbacena. É composto por servidores do CHPB, equipe assistencial, pacientes, moradores de residências terapêuticas e a comunidade em geral. A finalidade é dar visibilidade e promover a inclusão dos pacientes psiquiátricos na comunidade local. Já o Festival da Loucura, foi um evento de caráter cultural, científico e turístico promovido pela Prefeitura Municipal de Barbacena e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais. Teve cinco edições entre 2006 e 2010. Artistas e intelectuais brasileiros, como Hermeto Pascoal, Tom Zé e Lobão, Marcelo D2, Ariano Suassuna e Moacyr Scliar foram alguns dos convidados especiais do evento. (MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Saúde. Festival da Loucura, um parafuso a menos. Minas Gerais: FHEMIG, 2008).

barbacenense, José Francisco Bias Fortes (1891-1971). O acervo fotográfico completo, adquirido em 2008, pela Prefeitura Municipal de Barbacena, com mais de uma centena de imagens feitas em um só dia, em abril de 1961, foi apresentado no livro “Colônia, uma tragédia Silenciosa”, edição limitada patrocinada pelo Governo de Minas Gerais. O edifício que abriga o Museu era a antiga sede administrativa da Colônia. O denominado “Torreão” tem dois pavimentos ligados por uma grande escada de madeira em forma de espiral e é encimado por uma curiosa torre que lembra um templo religioso. Foi projetado pelo arquiteto Antônio Mourthé e inaugurado em 1922. Com a desativação progressiva dos pavilhões para internação de pacientes psiquiátricos e as adaptações para assistência clínica em geral, do prédio original da Colônia só restou o Torreão como abrigo de um memorial destinado ao trajeto histórico da instituição. Assim, uma visita ao Museu da Loucura permite ao visitante a experiência sensorial integral que vai desde o arranjo visual da exposição permanente, o eficaz aproveitamento do acervo como ilustrativo da temática apresentada até ambiência museal sugestiva dada a estética do edifício onde o Museu está abrigado.

## **MEMORIAL DE ROSAS, O CAPÍTULO FINAL**

Um dos aspectos mais chocantes aos olhos da atualidade frente a dura realidade vivida pelo Hospital Colônia e Depois o CHPB, foi a questão dos óbitos ocorridos na instituição tanto pelo volume quanto pelas circunstâncias em que ocorriam. Além disso o desfecho final da existência dos pacientes não se dava nos sepultamentos, normalmente feitos como ato contínuo ao óbito, sem velório ou qualquer manifestação religiosa fosse de qual matriz ou orientação espiritual. Isso quando ocorria o sepultamento, pois já nos anos de 1960 a instituição, por força de convênios e acordos, os quais as pesquisas ainda buscam identificar, forneciam os cadáveres como “peças anatômicas” para o estudo das ciências médicas. Não ocorrendo este procedimento, os corpos inexoravelmente eram sepultados no Cemitério “da Paz” ou “do Cascalho”. Estes nomes consagrados, pelo uso popular, derivavam primeiro, da intencionalidade de ofertar a “paz eterna” ao infeliz defunto que, por derradeiro gesto de preconceito, não poderia baixar a uma cova em outro cemitério da cidade, reservado “aos normais”. Depois o Cascalho aludia ao local até então ermo e fora dos limites tanto do hospital quanto da cidade de Barbacena, na época em que foi construído. Por falta de documentação que indica o tempo exato, supõe-se que teria sido feito por volta da década de 30, do século passado.

Na imprensa dos anos de 1970, além das precariedades apresentadas para a opinião pública sobre a vida dos pacientes asilares, sua morte também era evidenciada como mostra a manchete do jornal “O Fluminense”, de 21 de junho de 1980: “O Hospício que vende mortos”, com uma foto estampada de uma criança coberta de moscas, insinuando ser mais um cadáver a ser vendido e não sepultado.

Informações sobre este período da instituição e a possibilidade de vender os corpos de pacientes, ainda que alegadamente para cobrir os custos operacionais da preparação dos corpos e seu transporte até às instituições de ensino médico, só foram possíveis quando foram localizados um conjunto de cadernos que registraram a contabilidade deste fornecimento, agora sistematizado e por isso contabilizado. Assim foi possível saber que em 106 meses, o HC comercializou 1853 corpos. Cerca de 18 corpos/mês em média. Só no mês de junho de 1971, foram vendidos 137 corpos, segundo um destes cadernos, hoje guardados no Museu da Loucura. No quadro abaixo, estão relacionadas as instituições receptoras dos corpos e as quantidades totais registradas nos cadernos disponíveis para pesquisa.

Fundação Universitária Sul Fluminense – RJ	180
Faculdade de Medicina de Valença – RJ	282
Universidade Federal de Minas Gerais – MG	303
Faculdade de Medicina de Itajubá – MG	125
Faculdade de Petrópolis – RJ	39
Universidade Federal de Juiz de Fora – MG	67
Faculdade de Medicina de Pouso Alegre – MG	63
Faculdade de Medicina de Teresópolis – RJ	141
Faculdade de Med. do Triângulo Mineiro – MG	50
Instituto de Ciências Biológicas	239
Ciências Médicas – MG	105
Faculdade de Medicina de Santos – SP	96
Faculdade de Medicina de Volta Redonda – RJ	50
Faculdade de Medicina de Barbacena - MG	113

QUADRO DEMONSTRATIVO DA VENDA DE CADÁVERES ENTRE 1970/1972

Fonte: Museu da Loucura, Barbacena, MG.

Criado como um universo urbano e social segregado do restante da comunidade, o Hospital Colônia de Barbacena/CHPB manteve pela maior parte da sua existência no modelo asilar e cronicante, um cemitério exclusivo para o sepultamento daqueles pacientes cujo destino era uma internação vitalícia.

Mesmo com a maioria de seus registros documentais perdidos ou ainda não localizados, por sua função prática e sua presença simbólica, com o passar dos tempos, o cemitério virou território histórico e com o fim dos sepultamentos no local, a alternativa final seria a ressignificação da área remanescente em um *locus*

de reflexão por meio de um monumento aberto à sociedade.

Convictos dessa diretriz, em 2007, representantes da Prefeitura Municipal de Barbacena e o Governo do Estado de Minas Gerais, representado pela FHEMIG, juntaram forças para que a área de cerca de 8 mil metros quadrados hoje ilhada por ruas, praças e edificações residenciais fosse destinada a um espaço de memória e visitação, visto que



desde 1980, por questões sanitárias e urbanísticas os sepultamentos foram paralisados e o local interdito para visita e cultos. Na busca de ressignificação para o local, Município e Estado instituíram um concurso público em busca do projeto arquitetônico ideal que transformasse a área em um memorial. Valendo-se dos epítetos identitários da cidade: “das Rosas e da Loucura” surge então o conceito do “Memorial de Rosas”. Com efeito, o projeto vencedor uniu os dois símbolos da cidade: Rosas e Loucura. Uma ponte metafórica passa por sobre a morte e conduz o visitante à plenitude, materializada em um imenso canteiro de rosas brancas.

Para a realização do edital, uma comissão composta por representantes da Prefeitura de Barbacena, à época representada pelo então vice-prefeito, o psiquiatra Jairo Toledo e técnicos do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA, que montaram a proposta que foi submetida a arquitetos e escritórios de arquitetura. Para a ocupação do território com um novo arranjo arquitetônico, paisagístico e urbanístico, monumentos similares em outros países como Ruanda, na África e Bergen-Belsen, na Europa,<sup>6</sup> foram utilizados como modelos conceituais.

Ao final do processo, a escolha do projeto ocorreu e havia grande esperança de que a execução não tardaria. No site, o Corvo Veloz, do dia 6 de maio de 2008, era noticiado:

O projeto vencedor do concurso nacional do Memorial de Rosas foi apresentado à Fhemig, ao Governo Municipal e ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha), em Belo Horizonte. Na sexta-feira, dia 25, foi assinado o contrato com a equipe vencedora que tem prazo de 40 dias para apresentar o projeto de execução da obra, que será construído com recursos da Prefeitura de Barbacena e da Fhemig. O Memorial de Rosas será construído junto ao antigo cemitério Nossa Senhora da Paz, no bairro Grogotó, numa área de oito mil metros quadrados. A equipe de criação do projeto, formada pelo arquiteto Cássio de Lucena Carvalho, pela arte-educadora Áurea de Lucena Carvalho, pela historiadora Fernanda de Castro Metzker e pelos estudantes Sheila Metzker Andrade, Marlon dos Santos Thiago e Walter Silva Costa, apresentou a proposta vencedora. O resultado do concurso nacional foi anunciado durante o III Festival da Loucura. Representantes da Fhemig, do Iepha e do Governo Municipal conheceram o projeto vencedor. O projeto cumpriu três objetivos: a preservação dos sepulcros, minimizar as intervenções no terreno e o fortalecimento do caráter público do Memorial. Os corpos enterrados devem permanecer no local dignificando a memória dos ex-internos e de outros moradores ali sepultados. Uma passarela vermelha, suspensa no terreno, liga a entrada ao prédio principal. À noite, a iluminação difusa entre as lápides juntamente com a neutralidade do entorno cria uma ambientação imaculada, desmistificando a ideia do cemitério como algo lúgubre para aproximar as pessoas da realidade local. Para o Governo Municipal, a proposta é arrojada, de fácil execução e será uma construção muito bonita. O Memorial não vai implicar em questões jurídicas ou religiosas. Os corpos serão mantidos nos túmulos. Com este projeto, encerra-se um ciclo da loucura, que agora ficou reservada ao passado.

---

6 Memorial do Genocídio Bisesero, Ruanda - África. Em cem dias do ano de 1994, cerca de 800 mil pessoas foram massacradas em Ruanda por extremistas étnicos hutus. Eles vitimaram membros da comunidade tutsi. Valas coletivas, memorial com fotos e documentos. Inaugurado em 1998. Bergen-Belsen, Alemanha, campo de concentração com valas coletivas. Dotado de paisagismo e ambiente para cultos ecumênicos. Inaugurado em 1952.

Após todos estes movimentos, a iniciativa não foi concretizada e gradativamente esquecida. Em 2011, uma matéria publicada no Jornal Tribuna de Minas, de Juiz de Fora, MG e assinada pela jornalista Daniela Arbex, registra um dos últimos movimentos do projeto:

“Há quatro anos, a Prefeitura de Barbacena lançou um concurso nacional para criar no cemitério abandonado o Memorial de Rosas, unindo assim os dois símbolos da cidade, a loucura e as flores. O projeto vencedor, de Ipatinga, propõe transformar o local em marco da história da psiquiatria mineira. A partir da conservação dos túmulos, ele permite a revitalização do espaço e a preservação do passado, que poderá ser transposto por meio de uma passarela suspensa que seria construída no terreno. “Quero discutir o projeto com outras pastas do Governo e instâncias, a fim de que sejam tomadas medidas em conjunto. Nossa ideia é reunir outros parceiros para que, juntos, possamos tomar uma decisão sobre isso”, considerou Antônio Jorge. Para viabilizar a obra, são necessários investimentos na ordem de R\$ 3 milhões. “A proposta de construção do Memorial de Rosas introduz um terceiro tempo no acolhimento à loucura. É a via da valorização da história e da sua preservação, tanto para as gerações atuais quanto futuras. A concepção do memorial encerra um ciclo negativo da história da loucura, ao mesmo tempo em que aponta para o início de seu avesso”.

## CONCLUSÃO

Ainda que o projeto jamais tenha saído do papel e o local, até o presente, se encontre abandonado pelas autoridades municipais e estaduais, a proposta do Memorial de Rosas ainda desperta sentimentos controversos na comunidade de Barbacena e mesmo fora da cidade já que todas as ações de memória feitas até aqui relatam a trajetória histórica da Instituição hospitalar e pública, como é o caso do Museu da Loucura, mas não a memória individual e coletiva das vítimas que morreram dentro dessa mesma instituição pública que, a priori, deveria zelar por sua integridade física, sua saúde e dignidade. No final do ano de 2023, a FHEMIG contabilizava 34 pacientes de longa permanência ainda na instituição, mas em processo de alta para as Residências Terapêuticas – e das centenas de leitos do passado, restariam 40 leitos destinados a pacientes agudos psiquiátricos (que desde mês agosto de 2022 passaram a ser regulados pela Central de Regulação SUS Fácil – e outros 25, na Unidade de Cuidados Prolongados (UCP) – estes habilitados pelo Ministério da Saúde em dezembro de 2021. Assim, o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, herdeiro direto do gigantesco Hospital Colônia de Barbacena, torna-se uma unidade de pequeno porte, deixando de ter o protagonismo que os grandes hospícios detinham nos áureos tempos do Alienismo e do modelo asilar. As transformações ocorreram e os tempos avançaram. Mas ao não agirem em prol da execução do Projeto Memorial de Rosas, uma página ainda fica em branco. Afinal, o Estado, a Medicina, a História e a sociedade brasileira ainda devem às vítimas da Assistência dos Alienados de Minas Gerais, do Hospital Colônia e do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena este último gesto de humanidade, senão de perdão, por seus atos e omissões.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Brasília, DF, 14 jan. 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados.** São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. 2 v. (Mesa Redonda de Santiago do Chile - 1972 - Documento Final).

CARVALHO, Frederico. **Barbacena, 100 anos de Psiquiatria.** Barbacena: Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, 2009.

FILHO, João Baptista Magro. **A Tradição da Loucura, Minas Gerais – 1870/1964.** Belo Horizonte: Coopemed Editora/Editora UFMG, 1992.

FIRMINO, Hiram. **Nos Porões da Loucura.** Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1982.

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Saúde. **Festival da Loucura, um parafuso a menos.** Minas Gerais: FHEMIG, 2008. **Acervo pessoal do Dr. Jairo Furtado Toledo, Barbacena, Minas Gerais**